



## RELAÇÕES DE RAÇA E GÊNERO NA ESCOLA: ESCREVIVÊNCIAS DE UMA PRÁTICA PEDAGÓGICA

## RACE AND GENDER RELATIONS AT SCHOOL: 'ESCREVIVÊNCIAS' OF A PEDAGOGICAL PRACTICE

Vaneza Oliveira de Souza<sup>1</sup>  
Carmélia Aparecida Silva Miranda<sup>2</sup>

### RESUMO

Este texto tem como objetivo compreender as contribuições de uma prática pedagógica desenvolvida em parceria com estudantes de Ensino Médio e mulheres negras da cidade de Iraquara, na Bahia, que teve como base o estudo das relações de raça e gênero em suas experiências. O trabalho foi realizado a partir de pesquisa sobre mulheres negras consideradas referências para estudantes de uma escola de ensino médio cujas narrativas, centradas em suas histórias de vida, foram analisadas a partir do conceito de “escrevivência”, de Conceição Evaristo (2005). Tomamos a escrevivência como inspiração teórico-metodológica em que a realidade vivida, experienciada e refletida é narrada pelas colaboradoras e comunicadas pelas escrevivências da professora-pesquisadora como mulher negra, entrecruzando movimentos de vida, docência e pesquisa. Nosso diálogo teórico está pautado em Evaristo (2005), hooks (2017), Carneiro (2001), entre outros(as) autores(as). Os resultados apontaram que a experiência pedagógica narrada contribuiu para dar visibilidade aos diálogos sobre relações de raça e gênero e aos saberes da cultura local através da pluralidade de experiências das mulheres negras de Iraquara, colocando em pauta no espaço escolar conhecimentos não hegemônicos ao mesmo tempo em que possibilitou aos(as) estudantes assumir protagonismo como construtores(as) de seu processo de aprendizagem.

**PALAVRAS-CHAVE:** Raça. Gênero. Escrevivência. Prática Pedagógica.

### ABSTRACT

This paper aims to understand the contributions of a pedagogical practice developed in partnership with high school students and black women from the city of Iraquara, in the State of Bahia, which was based on the study of race and gender relations in their experiences. The work was carried out based on research about black women considered references for high school students whose narratives, centered on their life stories, were analyzed based on Conceição Evaristo's (2005) concept of 'Escrevivência'. We take the 'escrevivência' as a theoretical and methodological inspiration in which the lived, experienced and reflected reality is narrated by the collaborators and communicated through the writing experiences of the teacher-researcher as a black woman, crossing life, teaching and research movements. Our theoretical dialogue is based on Evaristo (2005), hooks (2017), Carneiro (2001), and other authors. The results indicated that the pedagogical experience narrated contributed to give visibility to the dialogues about race and gender relations and the knowledge of local culture, through the plurality of experiences of black women from Iraquara, putting on the agenda in the school space non-hegemonic knowledge at the same time that enabled students to assume protagonism as builders of their learning process.

**KEYWORDS:** Race. Gender. Escrevivência. Pedagogical Practice.

<sup>1</sup> Mestra em Educação e Diversidade pela Universidade do Estado da Bahia (Uneb). Graduada em Letras, Língua Inglesa e Literaturas pela Uneb. Graduada em Pedagogia pela Universidade Pitágoras Unopar. Professora da Educação Básica na Secretaria de Educação do Estado da Bahia (SEC/BA). E-mail: vanessas.rita@hotmail.com.

<sup>2</sup> Pós-Doutora em História pela Universidade de Lisboa, Portugal. Professora permanente do Mestrado Profissional em Educação e Diversidade da Universidade do Estado da Bahia (Uneb). Coordenadora do grupo de estudos em História e Cultura Afro-brasileira (GEHAFRO). Coordenadora do Laboratório de História e Cultura Afro-Brasileira e Currículo Mariinha Rodrigues (LahAfro). E-mail: cmiranda@uneb.br.

## 1 INTRODUÇÃO

Este trabalho tem como objetivo compreender as contribuições de uma prática pedagógica desenvolvida com estudantes de ensino médio e mulheres negras da cidade de Iraquara, na Bahia. Considerando a importância de acionar conhecimentos não-hegemônicos a partir da cultura local, estabelecemos parceria com colegas engajados(as) em práticas antirracistas e antissexistas para desenvolver atividades de pesquisa escolar que colocaram as mulheres negras e as relações de raça e gênero no centro das discussões.

O município de Iraquara, com sua população predominantemente rural (70%) e negra (80%), segundo o IBGE (2010), além de cinco comunidades quilombolas<sup>3</sup>, guarda histórias diversas de homens e mulheres que construíram trajetórias de enfrentamentos e conquistas no campo e na cidade, pouco conhecidas pelos(as) jovens em idade escolar. Como em boa parte do contexto nacional, essas trajetórias não são contadas nos livros didáticos e na mídia, além de serem invisibilizadas nos currículos de muitas escolas.

Interessou-nos, no trabalho aqui relatado, conhecer as mulheres negras consideradas como referências pelos(as) estudantes e suas contribuições na cidade e nas comunidades. Essas trajetórias foram tomadas como base de estudos e de pesquisas pelos(as) alunos(as) do 3º ano do ensino médio, que produziram materiais de divulgação sobre as histórias de vida por meio de vídeos e apresentações em *slides* e cartazes, dando visibilidade às mulheres negras de Iraquara para a comunidade escolar e local.

Acreditamos que os saberes e experiências dessas mulheres devem ser investigados, (re)conhecidos e integrados aos currículos escolares e atividades pedagógicas, para que os(as) jovens possam conhecer e valorizar nossas histórias, nossas formas de ser e viver. Trata-se de escrituras que remontam a vários aspectos das relações interseccionais<sup>4</sup> de raça e gênero e tomam corpo nas formas de ser e de viver ancoradas em nossas ancestralidades.

O trabalho teve como base as narrativas das colaboradoras, analisadas a partir da escritura (SOUZA, 2020). Tomamos a escritura como inspiração teórico-metodológica em que a realidade vivida, experienciada e refletida, é narrada pelas colaboradoras e comunicadas pelas escrituras da professora-pesquisadora como mulher negra, entrecruzando movimentos de vida, docência e pesquisa.

---

<sup>3</sup> Iraquara tem até 2021 cinco comunidades reconhecidas como quilombolas: Mato Preto, Riacho do Mel, Renascimento dos Negros (Povoado dos Morenos), Escôncio e Meio Centro. Disponível em: <http://www.palmares.gov.br/sites/mapa/crqs-estados/crqs-ba-22042021.pdf>. Acesso em: 10 jul. 2021.

<sup>4</sup> Para Akotirene (2018), a interseccionalidade é uma ferramenta teórico-metodológica usada para pensar os entrecruzamentos entre raça, gênero e classe nas experiências das mulheres negras.



Nosso diálogo teórico está pautado em Evaristo (2005), hooks<sup>5</sup> (2017), Carneiro (2001) e outros(as) autores(as). Os resultados apontaram que a experiência pedagógica narrada contribuiu para dar visibilidade aos saberes da cultura local através da pluralidade de experiências das mulheres negras de Iraquara, colocando em pauta, no espaço escolar, formas de conhecimento não hegemônicas, ao mesmo tempo em que possibilitou aos(as) estudantes assumir protagonismo como construtores(as) de seu processo de aprendizagem.

## 2 RELAÇÕES DE RAÇA E GÊNERO NA ESCOLA: DIÁLOGOS POSSÍVEIS

A paisagem escolar é habitada por diferentes agentes, com seus pertencimentos de raça, gênero, classe, sexualidade, território e outros. Contudo, quando os processos de escolarização são pautados na visão homogeneizadora e fragmentada de ser humano, acabam por negar as diferenças que constituem esse espaço e privilegiar o segmento branco da população em detrimento dos demais como mulheres negras, indígenas, quilombolas, lésbicas, trans, produzindo ou naturalizando desigualdades e situações de discriminações.

Na escola, somos interpelados(as) pelos modelos hegemônicos de produção de conhecimentos pautados em relações racistas, capitalistas e heteropatriarcais que alimentam hierarquias. Nesse cenário, a escola pode posicionar-se de forma a rasurar as estruturas raciais e de gênero, promovendo pequenas insurgências diante do modelo de educação que exclui e subalterniza corpos em função das diferenças.

Silva (2005) sugere possibilidades de descolonizar currículos e práticas escolares a partir do ensino e da aprendizagem das africanidades brasileiras. A autora compreende africanidades brasileiras como as raízes da cultura brasileira que têm origem africana. Ela refere-se aos modos de ser, de viver e de organizar suas lutas, específicos dos povos negros do Brasil e às marcas da cultura africana e afrobrasileira que fazem parte do seu cotidiano.

As práticas pedagógicas pautadas nas africanidades brasileiras expressam uma forte orientação antirracista e antissexista, pois promove o diálogo, a reconstrução do discurso e o estudo da recriação das diferentes raízes da cultura brasileira. Nessa proposta, os(as) alunos(as) são posicionados(as) como protagonistas. Seus saberes e experiências são a base inicial do trabalho, a partir dos quais educadores(as) devem direcionar seu fazer pedagógico, compreendendo que cada pessoa tem formas próprias e subjetivas de aprender e significar o mundo.

<sup>5</sup> Pseudônimo usado em letras minúsculas a pedido da própria escritora, Gloria Watkins.



A busca por fontes de estudo das africanidades brasileiras, segundo a autora, nos impulsiona a conviver e ouvir a comunidade negra, cultivar “a memória da experiência de ser descendente de africanos no Brasil”, a manter diálogo e intercâmbio com grupos do Movimento Negro, conhecer e estudar obras de autoras e “autores negros e também não negros, que permitam entender a realidade das relações interétnicas em nosso país” (SILVA, 2005, p. 169).

Esta pesquisa propõe ouvir as mulheres negras das comunidades iraquarenses, dialogar com autoras negras, intelectuais e ativistas do feminismo negro, discutir a valorização da estética e intelectualidade das mulheres negras, conhecer as conquistas desses grupos, as personalidades femininas negras, quilombolas, indígenas da história e da atualidade. Por meio de ações criativas, é possível ampliar o olhar para compreender a multiplicidade de narrativas sobre os povos negros e as mulheres negras do continente e da diáspora, em especial daqueles(as) que formam o contexto local.

Nesse sentido, a história e a formação negra, quilombola e indígena de Iraquara podem ser tomadas como ponto de partida para compreender nossos pertencimentos. Histórias e contribuições de personalidades como Mãe Marieta, Maria Neta, Simone Neves Pinto, Dona Juraci, Maria de Chiquita, Inez Azevedo, Célia Emília Dourado<sup>6</sup>, dentre tantas outras mulheres que tiveram e ainda têm papel importante na cidade ou comunidades. Em virtude de sua participação e do seu protagonismo, seja na área da saúde, da educação, da religiosidade, nas diversas instituições, nas famílias e nas comunidades, em diferentes ocupações, muitas mulheres são referências para as populações mais jovens.

Os saberes e experiências dessas mulheres devem ser contemplados nos currículos escolares como forma de dar visibilidade aos conhecimentos relacionados à cultura local, valorizando outras formas de compreender o mundo. Assim, a escola pode ser tomada como espaço de representações, admitindo o lugar dos(as) estudantes, assim como dos(as) educadores(as) como pessoas que têm pertencimentos étnico-raciais, de gênero, de sexualidade e de outros (SOUZA, 2020).

A partir desse olhar para as mulheres negras de Iraquara como protagonistas e sujeitas produtoras da história local, desenvolvemos uma proposta em que os(as) estudantes foram interpelados(as) a ouvir as vozes de tais mulheres e conhecer suas experiências, compreendendo

---

<sup>6</sup> Estas mulheres são, respectivamente: parteira e benzedeira centenária; uma das primeiras professoras da cidade; professora mestra, oriunda de comunidade remanescente de quilombo e Secretária Municipal de Educação; rezadeira da comunidade quilombola de Escôncio; benzedeira da comunidade de Mato Preto; agente comunitária de saúde da comunidade de Queimada; professora e escritora da comunidade de Mato Preto.



sua contribuição na cidade e nas comunidades, ao mesmo tempo em que se posicionavam como produtores(as) e coautores(as) da ação educativa.

### 3 ESCRE(VIVÊNCIAS) DE UMA PRÁTICA PEDAGÓGICA

Ao relatar a prática pedagógica desenvolvida na escola com foco nas histórias de vida das mulheres negras de Iraquara, inspiramo-nos na escrevivência de Conceição Evaristo, tomada neste trabalho como fundamento teórico-metodológico que movimenta a escrita a partir da vivência e da experiência (SOUZA, 2020; SOUZA; MIRANDA; SILVA, 2020). Cunhado pela autora no campo da literatura, a escrevivência tem sido forjada como “método de investigação, de produção de conhecimento e de posicionalidade” (SOARES; MACHADO, 2017, p. 206), que nos permite falar de nós, assumindo as singularidades e coletividades que movem nossos cotidianos.

Aqui tomamos a experiência na perspectiva de Larrosa (2011) como aquilo nos toca, nos atravessa e nos conforma, e, na perspectiva de hooks (2017, p. 120), como modo privilegiado de conhecimento, situado dentro de uma teoria do aprendizado, que abraça “a experiência, as confissões e os testemunhos como modos de conhecimento válidos, como dimensões importantes e vitais de qualquer processo de aprendizagem”. São essas experiências que conferem vivacidade à escrita, e seu registro é uma forma de escrevivência.

As escrevivências estão pautadas nas experiências de três agentes da comunidade escolar: i) a experiência pessoal da pesquisadora como mulher, negra, professora; ii) as experiências das mulheres negras de Iraquara, colaboradoras que compartilharam suas vivências e saberes nesta investigação; e iii) as experiências dos(as) alunos(as) pesquisadores(as), estudantes da educação básica, muitas das quais são meninas negras.

Segundo Evaristo (2005, p. 6), nas escritas impregnadas de sentidos da experiência, “surge a fala de um corpo que não é apenas descrito, mas antes de tudo vivido. A escre(vivência) das mulheres negras explicita as aventuras e as desventuras de quem conhece uma dupla condição, que a sociedade teima em querer inferiorizada, mulher e negra”. Por isso, tivemos um desafio de ordem teórico-metodológica, pois envolveu a criação de “sensibilidades epistemológicas” que permitissem outros modos de ensinar e aprender, que buscou subverter a rigidez e o epistemicídio no currículo escolar para dar visibilidade às experiências desse grupo.

Percebemos a sala de aula como paisagem fecunda para acolher as experiências dos(as) estudantes e das mulheres da cidade/comunidades que “contaminam” (OLIVEIRA, 2017) o espaço escolar ao ingressar no cotidiano das práticas curriculares e pedagógicas. Pensamos a

escola como espaço em que seus(suas) agentes podem ensinar e aprender em rede colaborativa e de forma horizontalizada a partir da experiência.

Com esse olhar e na busca pelas narrativas subversivas das/com as mulheres negras de Iraquara, o trabalho foi realizado a partir de um roteiro que incluiu: eleger uma personalidade local; investigar suas trajetórias de vida por meio de entrevistas; analisar e interpretar o material para selecionar as informações que seriam compartilhadas; construir materiais de divulgação das histórias de vida por meio de vídeos, apresentação em *slides* e cartazes; preparar material bilíngue (língua portuguesa e inglesa); e expor e/ou apresentar os produtos para a comunidade escolar.

Os(as) estudantes, coautores/as nesta construção, tiveram um trimestre disponível para realizar as pesquisas, entre momentos na sala de aula e atividades extra escola em suas comunidades, com visitas, aproximações, conversas e realização das entrevistas filmadas ou registradas na forma escrita, baseadas em roteiros por eles(as) construídos, com apoio das docentes. Em sala, analisaram o material, selecionaram as informações, discutiram nos grupos, registraram suas análises e iniciaram os roteiros de escrita. Desta proposta, foram produzidos, pelos(as) estudantes, vídeos, apresentações de *slides* e cartazes com as histórias narradas.

A seguir, apresentamos trechos dos trabalhos com as narrativas de duas mulheres iraquarenses e suas contribuições na cidade e nas comunidades, construindo escrevivências que emergem de suas formas de ser e de viver.

#### 4 NAS TRILHAS DAS ESCREVÊNCIAS: NARRATIVAS DE SI

No trabalho elaborado pelos(as) estudantes, foram apresentadas uma parteira de 108 anos, mulheres quilombolas, benzedeadas, líderes comunitárias, agente comunitária de saúde, escritoras e professoras. Neste texto, apresentamos as contribuições de Mãe Marieta e de Inez Azevedo, experiências de vida que se distanciam e se aproximam nos entrecruzamentos de raça, gênero e classe.

**Figura 1** – Maria Cândida de Jesus, conhecida como Mãe Marieta



Mãe Marieta, parteira e benzedeadas de 110 anos de idade. Fez mais de cem partos, sendo o último aos 99. De família de garimpeiros, de Lençóis/Bahia, após a morte de seu pai, veio para Iraquara com a mãe e os irmãos em busca de melhores condições de vida. Teve três filhos(as) biológicos(as) e criou outros oito adotivos(as) (adaptado da narrativa dos(as) estudantes, 2019).

Fonte: arquivo da autora (2019)<sup>7</sup>.

<sup>7</sup> Uso da imagem autorizado pelas colaboradoras.



A imagem de Mãe Marieta comunica a simplicidade desta mulher centenária que, mesmo sem visão, continua a desenvolver algumas atividades, como debulhar feijão – tarefa que executava ao conceder a entrevista filmada aos(as) alunos(as). Na leveza de suas narrativas, deixa emergir muitos saberes tradicionais e aspectos importantes da história da cidade e da região.

Mãe Marieta mudou-se de Lençóis no início do século XX, após o período de decadência do garimpo, que ocorreu no final do século XIX e provocou o espalhamento de pessoas por toda região da Chapada Diamantina/Bahia, resultando na origem de várias cidades e comunidades rurais. Grandes dificuldades econômicas assolavam as populações da região que buscavam meios de sobrevivência em atividades ligadas à agricultura, criação de animais, serviços domésticos, pequenas trocas ou comercialização de excedentes da produção, dentre outras. “Não ganhava dinheiro pra fazer parto. Eu lavava roupa, pisava milho, torrava café, raspava mandioca para ganhar tostão” (narrativa de Mãe Marieta, 2019).

Ao acessar as narrativas de Mãe Marieta em sala, alunos e alunas comentavam semelhanças com as experiências de suas famílias, pois ouviam de avós e parentes relatos sobre dificuldades econômicas similares. A sobrevivência de muitas famílias dependia da manutenção de atividades manuais como a produção de farinha, tapioca, rapadura, óleo de coco e outros gêneros alimentícios, atividades artesanais como a produção de vassoura, esteira, trabalhos domésticos e tantas outras atividades protagonizadas por mulheres.

Mãe Marieta relata também aspectos importantes de sua atividade como parteira e a parceria entre medicina hospitalar e tradicional ao contribuir com sua experiência em partos hospitalizados, prática recomendada por estudiosos do parto humanizado (PEREIRA, 2016).

[...] Nunca morreu uma filha nessas mãos, graças a Deus. Quem estava comigo era Deus, meu medo, minha coragem e minha disposição [...] Eu tinha minhas coisinhas, minha tesoura, tudo bem limpinho. Quando vinha atravessado mandava atrás de médico em Palmeiras, outra hora em Seabra... Quando Juliano<sup>8</sup> chegou estudar, estudando, fazendo parto, eu ajudava, ele me chamava, ‘oh Marieta, vem ficar aqui mais eu’, fiz muito parto mais ele (narrativa de Mãe Marieta, 2019).

Observamos, assim, que a colaboradora participava generosamente de momentos marcantes na vida de muitas mulheres ao dar à luz, contribuindo para a manutenção da vida de mães e crianças com sua sabedoria ancestral. Mãe Marieta descreve os cuidados, as técnicas, os banhos, as rezas repassadas de sua mãe que formaram a base desse ofício, o qual humaniza o

---

<sup>8</sup> Nome fictício de um dos primeiros médicos da cidade de Iraquara.



partejar e mobilizava o apoio de parentes ou vizinhas que colaboravam como assistentes, uma “rede calorosa de ajuda e solidariedade” (PEREIRA, 2016).

Discutimos em sala aspectos como o exercício da irmandade, do amor, da generosidade entre mulheres que estavam disponíveis a qualquer hora do dia ou noite, às vezes ao longo de dias e noites, a qualquer distância, para cuidar de gestantes em processo parturitivo; a paciência para aguardar o revelar natural do momento da mulher e da criança, a sabedoria ao perceber os sinais de que era “chegada a hora” de vir ao mundo; o compartilhamento de saberes tradicionais a partir dos ensinamentos sobre os cuidados com a mulher e a criança no pós-parto (PEREIRA, 2016). Esse conhecimento integra o repertório cultural indígena e afro-brasileiro, um rico conjunto de saberes das africanidades brasileiras que precisa ter lugar nas escolas.

Outro aspecto que os(as) estudantes levantaram no diálogo é o tratamento desrespeitoso e machista dispensado por companheiros que não aceitam certas atividades desenvolvidas por mulheres e tentam limitar seus espaços de atuação. “Meu marido nunca entendeu, separei dele por causa disso, ele me desmoralizava quando eu chegava em casa, já me chamou até de ‘patifa’, eu nunca esqueço [...]” (narrativa de Mãe Marieta, 2019).

Segundo a colaboradora, seu esposo não apoiava a atividade como parteira e a tratava desrespeitosamente a cada retorno para casa, motivando sua separação. Essa realidade permanece em muitas famílias onde meninas e mulheres são impedidas ou desestimuladas a trabalhar ou a dar continuidade aos estudos após o casamento ou a geração de filhos, ou de exercer atividades supostamente atribuídas à figura masculina, uma expressão do sexismo presente nas relações familiares (BRASIL, 2005). O cruzamento raça e gênero também pode ser notado nesse contexto, tendo em vista que as mulheres negras são as maiores vítimas de violência doméstica (RIBEIRO, 2016).

Nesse sentido, quando observamos os números da violência e do feminicídio no Brasil, constatamos que 68% das mulheres assassinadas em 2018 eram negras (ATLAS DA VIOLÊNCIA, 2020). Portanto, não somente gênero, mas raça e classe formam as avenidas, onde essas mulheres são repetidamente vitimadas, uma vez que têm maior dificuldade de acessar os serviços de proteção, vivem em locais periféricos e enfrentam ainda a questão da invisibilidade racial (SOUZA, 2020). Considerando o contexto da pandemia da Covid-19, que assolou o país e o mundo a partir de 2020, com as medidas de isolamento, a dificuldade em fazer denúncias e a subnotificação de casos, observou-se o agravamento das situações de violência, segundo pesquisa de Leide *et al.* (2021).



Outro elemento marcante na narrativa de mãe Marieta é a referência religiosa, quando fala sobre sua devoção a Deus e aos Santos do catolicismo popular<sup>9</sup>. Nessa forma de catolicismo, muito comum em Iraquara, observa-se a mistura da fé cristã com elementos da religiosidade de matriz africana e indígena, como a prática do benzimento. Para os(as) estudantes, em especial das comunidades rurais, esses elementos são bastante familiares e entrecruzam-se com vivências de seu cotidiano, por meio de parentes, vizinhos(as) e amigos(as) guardiões(ãs) dessa prática.

Observamos durante os debates que a religiosidade de matriz africana é uma das discussões que precisam ser pautadas na escola. Em geral, as religiões cristãs são aceitas como as únicas possibilidades de fé, enquanto as manifestações das crenças de matriz africana e indígena são, muitas vezes, condenadas e proibidas no espaço escolar. Embora não tenha sido foco do trabalho, pelo fato de ter emergido nas narrativas, a questão religiosa foi alvo de discussão em alguns momentos, com a ciência das nossas limitações e da necessidade de maior aprofundamento.

Para os(as) estudantes, Mãe Marieta é uma referência de mulher sábia e corajosa, que experienciou seu primeiro parto sozinha, trouxe dezenas de vidas ao mundo, percorria a pé muitos quilômetros para atender as famílias sem cobrar nenhum valor; enfrentou o sexismo e assumiu a separação numa época em que muitas mulheres eram forçadas a manter o casamento para não serem mal vistas, discriminadas; sustentou a família, criando três filhos biológicos e oito adotivos; e, embora tenha perdido a visão, segue com a prática do benzimento e conta generosamente as dores e alegrias de sua trajetória para as novas gerações.

A segunda personagem investigada é Inez Azevedo, uma jovem mulher que inicia seu relato destacando as questões de gênero que afetam sua vida.

**Figura 2** – Inez Azevedo dos Santos



Inez Azevedo dos Santos tem 38 anos de idade e trabalha como agente comunitária de saúde há 19 anos. É solteira, não tem filhos e reside na comunidade de Queimada, povoado próximo da cidade de Iraquara (adaptado da narrativa dos/as estudantes, 2019).

**Fonte:** Arquivo da autora (2019).

A narrativa de Inez coloca no foco da discussão o preconceito de gênero e suas várias formas de manifestação.

<sup>9</sup> Refere-se ao catolicismo oriundo das contribuições indígenas, africanas e de seus descendentes, praticado a partir dos valores e costumes de povos de origens diversas (MACEDO, 2008).



Por ser mulher a gente sofre muito preconceito. As pessoas taxam muito a gente de sexo frágil e incapaz, quando na verdade nós sabemos e provamos todos os dias que não é bem assim. Somos fortes, muito fortes, somos flexíveis, a gente é capaz de sustentar, e na verdade, nós sustentamos a sociedade, nós somos, sem dúvidas, uma coluna importantíssima para a sociedade [...] Eu só vejo vantagens em ser mulher. A única desvantagem que eu abro esses parênteses é essa questão do preconceito que a gente enfrenta todos os dias para provar que é capaz (narrativa de Inez, 2018).

Inez questiona a ideia de sexo frágil – que, segundo Carneiro (2001), tem maior relação com as mulheres brancas – a qual pretende subjugar a mulher à suposta força e coragem masculina, até a desqualificação como incapaz, que reforça a necessidade de tutoria do homem. Este, por sua vez, é visto como mais inteligente e preparado para ocupar os espaços de poder e tomada de decisões nos vários âmbitos da vida social e familiar. Inez posiciona-se contra essas construções patriarcais, destacando nosso lugar como ‘colunas que sustentam’ a sociedade, com grande importância para os processos sociais.

Dialogamos com Ângela Davis (2017) ao refletir, durante palestra na Universidade Federal da Bahia, que “quando a mulher negra se movimenta, toda a estrutura da sociedade se movimenta com ela, porque tudo é desestabilizado, a partir da base da pirâmide social onde se encontram as mulheres negras” (DAVIS, 2017). A narrativa de Inez amplia a percepção do nosso papel na família, na comunidade e na sociedade de modo geral e impulsiona-nos a permanecer na luta contra as injustiças sociais e os discursos que tentam desqualificar nossa história, cultura, estética e intelectualidade.

A estética negra também aparece fortemente na narrativa de Inez e mobilizou muita discussão entre os(as) estudantes. Ela descreve sua experiência com a mudança de cabelo, em função das pressões por uma aparência embranquecida, como uma prisão da qual livrou-se quando passou a valorizar sua pele e seus cabelos, um caminho de autorreconhecimento que ela descreve como libertador.

A gente precisa aprender a se gostar, a assumir esse jeito afro, o cabelo crespo, cacheado, é uma libertação pra nós. Essa questão da beleza, diziam que cabelo bom é cabelo liso, e a gente fazia loucuras para ter o tal do cabelo liso, até que chegou um dia que eu me olhei no espelho e eu não me reconhecia. E eu vejo muitas mulheres que ainda não aceitam o cabelo que tem, não aceitam a cor que tem, o jeito que tem, e a gente precisa aprender a se amar (narrativa de Inez, 2019).

Inez narra o autoamor como um processo que envolve a tomada de decisão no sentido de amar quem somos. Assim como afirma bell hooks (2006, p. 246), “escolher o amor é ir contra os valores predominantes dessa cultura” que leva muitas pessoas a sentirem-se “incapazes de amar a



si mesmas”. O autoamor é um processo de cura diante de uma sociedade que estabelece padrões estéticos pautados na branquitude.

Para Carneiro (2001, p. 2), “as mulheres negras fazem parte de um continente de mulheres [...] que são retratadas como antimusas da sociedade brasileira, porque o modelo estético de mulher é a mulher branca”. Isso nos lembra que, no decorrer de sua trajetória, as meninas negras enfrentam a violência da interseccionalidade de raça e gênero ao ver sua cultura, sua estética e sua intelectualidade questionadas, e suas referências positivas silenciadas. Por meio de diversos estereótipos, convivem com discursos e imagens que tentam reduzir seus espaços ao lugar de trabalhadora precarizada, mulata objetificada e sexualizada.

Nesse sentido, a referência de Inez às questões da cor da pele e do cabelo mobilizou várias discussões sobre experiências de racismo sofridas pelos(as) estudantes. Muitas delas contaram sobre sua relação com o cabelo desde muito pequenas, os processos químicos, os alisamentos, o uso de ferro quente para manter uma aparência mais próxima do padrão estabelecido como belo. Essas experiências parecem marcantes para muitos(as) estudantes, especialmente as meninas. Contudo, observamos também o número crescente de meninas e de meninos na escola que usam cabelo natural, ostentando seu crespo, seus cachos, seu *black* e suas tranças, o que evidencia formas de autoafirmação e liberdade estética.

Refletimos que ainda convivemos com a visão estereotipada que supervaloriza o padrão branco ao relacioná-lo à beleza e à inteligência. A pressão por adequar-se ao padrão embranquecido está presente desde a infância, compondo um jogo de relações hierárquicas e de aceitação em função da aparência física (SOUZA, 2020). Neste sentido, a pesquisadora Figueiredo (2015, p. 155) afirma que “alisar o cabelo na sociedade brasileira pode não ser visto apenas como um exercício de beleza, mas também pode ser considerado como um modo de mover-se na escala classificatória da cor, tornando-se menos negro”.

A beleza e valorização associadas aos padrões da branquitude, alimentada pelas propagandas e pela indústria cosmética, pressionam meninas/mulheres negras a mudanças no corpo e cabelo a fim de se sentirem aceitas, admiradas, ou ainda ampliar as chances de serem admitidas em certas ocupações. A ideia da “boa aparência”, que permanece no imaginário brasileiro, invisibiliza a beleza da mulher negra, dando valor às características físicas das mulheres brancas. Assim, contribui para a manutenção de privilégios e desigualdades, pois se apresenta como um mecanismo de seleção no mercado de trabalho, limitando oportunidades e possibilidades de ascensão social para mulheres negras.

Em sua narrativa Inez, nos provoca ainda a (re)pensar nossas ancestralidades, ao falar com orgulho de sua mãe como a mulher que lhe inspira e da importância de conhecer nossas origens,



a história das nossas famílias, aqueles(as) que vieram antes de nós, abrindo caminhos, aqueles(as) que sofreram mais, que não tiveram a mesma liberdade, que tiveram menos oportunidades, a quem foi negado o acesso à educação formal ou a outros direitos básicos. Aqueles e aquelas que pavimentaram o caminho que hoje percorremos. Conhecer nossa história faz parte de um processo importante de autoconhecimento, autoafirmação e autoamor, necessários para construir novas jornadas (HOOKS, 2006).

Inez narra o convívio da mãe com o Vírus da Imunodeficiência Humana (HIV) e como sua alegria, mesmo diante de todas as dificuldades e preconceitos por ser mulher, negra, pobre e com uma doença que carrega estigmas, a inspira até hoje a buscar seu próprio caminho, sem permitir que os obstáculos paralise ou desanimem seus sonhos e planos.

Refletimos que é no seio das relações familiares e mais fortemente nas figuras maternas e femininas que estão as bases que nos sustentam a manter-nos erguidas ante as dificuldades e, ao mesmo tempo, construir laços de amor suficientemente firmes para edificar modos outros de sobrevivência, movidos por nossas habilidades criadoras (EVARISTO, 2005). Isso não significa que essas mulheres sejam fortalezas inabaláveis, pois elas também precisam de espaço para cuidar de si e serem cuidadas, de afago e de carinho para serem revigoradas. Muitas vezes esse vigor é (re)encontrado entre companheiras de caminhada.

Nesse sentido, Inez narra a importância de formar redes de apoio entre mulheres, redes que permitam o exercício da confiança, em que possam discutir assuntos que atravessam o cotidiano, sobre autoestima e amor, sobre “[...] o poder que temos. E a gente precisa nas nossas rodas de conversa com nossas amigas, falar um pouco mais sobre isso, da importância de se gostar, de se amar, porque nada faz sentido se a gente não se encontra” (narrativa de Inez, 2019). Assim, Inez sugere que a busca pela liberdade não pode ser considerada uma ação individual, mas uma forma de empoderamento<sup>10</sup> que se fortalece no coletivo.

Mulheres como Mãe Marieta e Inez são representativas das muitas mulheres que contribuíram e contribuem para que possamos construir caminhos de (re)existência, com ações que afetam o coletivo. Observamos nas ações de solidariedade e fé, como o ofício de partear e benzer, de Mãe Marieta, e no trabalho de assistência à saúde das famílias, de Inez, como agente comunitária, que ambas, com suas diferentes trajetórias e subjetividades, posicionam-se como mulheres inspiradoras em Iraquara.

<sup>10</sup> Conceito, teoria e prática, na perspectiva feminista negra, que envolve questionamento estruturas de poder e construção de (auto)consciência, gerando transformações individuais e coletivas (BERTH, 2018).



Ao relatar porque escolheram Inez como referência, os(as) estudantes argumentaram que viram nela “um exemplo de mulher negra e forte da comunidade, empoderada e tinha bastante a dizer sobre o tema” (relato da estudante Bruna). Corroborando essa imagem, Inez trouxe reflexões importantes sobre relações de raça e gênero que possivelmente provocaram alguns deslocamentos, tanto nos(as) alunos(as) como também nas docentes.

Emergiram das narrativas das(os) colaboradoras(es) temas fundamentais para nossos diálogos em sala, como desigualdade de gênero, racismo estrutural, estética e autoestima, valorização das nossas ancestralidades, aspectos sobre a história de Iraquara, condições econômicas, desigualdades, acesso à educação e à saúde, dentre outros.

Compreendemos que as colaboradoras da pesquisa apresentam trajetórias de vida absolutamente diferentes. Inês é uma mulher jovem que teve oportunidade de concluir a educação básica, fez curso técnico e assegurou um trabalho estável, por meio de concurso público. Solteira, sem filhos, bem informada, mostra em sua narrativa amplo conhecimento sobre questões raciais e de gênero. Moradora da zona rural, como agente comunitária de saúde tem trânsito entre várias comunidades, é bastante conhecida nas localidades onde trabalha e adquiriu experiência ao lidar com várias configurações familiares.

Mãe Marieta é uma mulher idosa que não teve educação formal e exibe uma sabedoria belamente construída pela vida, do alto de suas experiências centenárias como parteira e benzedeira, atividades que exigem uma grande sensibilidade, inteligência emocional e espiritualidade. Além disso, suas experiências como mãe, mulher trabalhadora, sua trajetória de enfrentamentos forjaram uma personalidade firme e generosa.

Nessas escrituras, evidenciam-se aspectos importantes, como a pluralidade das mulheres iraquarenses e a inseparabilidade entre o saber da experiência e os conhecimentos teóricos que se entrelaçam para construir novos modos de ensinar e aprender, forjados nas africanidades que emergem das nossas formas de ser e viver.

## 5 **ESCREVIVÊNCIAS (IN)CONCLUSIVAS**

As práticas pedagógicas relatadas neste trabalho consideram a experiência como um modo de conhecimento, por meio do qual a escola pode trazer para seus espaços outras formas de ensinar e aprender e outros saberes tão relevantes quanto os comumente validados no currículo escolar. Compreendemos os saberes locais dos povos e mulheres negras como conhecimento legítimo, um currículo vivo que integra o cotidiano de muitos(as) estudantes.



Por meio destas escrevivências, percebemos aspectos relacionados à religiosidade e à fé de matriz africana e afro-brasileira, ofícios tradicionais como o partejar, o benzimento, as rezas, o uso de ervas, a luta por sobrevivência em meio às condições produzidas pelo colonialismo, a busca pela ancestralidade, a valorização da estética negra, a luta contra o racismo e o sexismo, a posição de destaque das mulheres nas famílias e comunidades, a percepção da necessidade da criação de redes de apoio entre mulheres negras, elementos presentes nas narrativas das colaboradoras da pesquisa.

As mulheres aqui apresentadas são representativas das múltiplas expressões de ser mulher negra. Somos diversas e plurais. Embora estejamos expostas a realidades próximas, ao sermos interpeladas pelo cruzamento entre racismo, sexismo, classismo e outros, a forma como esses eixos atravessam cada uma é único e particular, assim como o modo que cada uma lida com tais experiências e constrói estratégias de sobrevivência.

Como afirma Inez, somos a base de sustentação da sociedade e precisamos formar nossas redes de apoio para nos manter de pé ao travar nossos enfrentamentos diários. Inez, Mãe Marieta e as demais colaboradoras podem inspirar estudantes, docentes e leitores(as) a ver a vida com leveza, apesar das dores, olhar para as nossas com empatia, dar as mãos, lutar com firmeza, mas sem perder a leveza, ser nós mesmas e cultivar o autoamor, e, assim, continuar a busca pelo bem-estar individual e coletivo.

Os resultados apontaram que a experiência pedagógica narrada contribuiu para dar visibilidade aos diálogos sobre relações de raça e gênero e aos saberes da cultura local, através da pluralidade de experiências das mulheres negras de Iraquara, colocando em pauta no espaço escolar conhecimentos não hegemônicos. Ao mesmo tempo, abriu espaço para os(as) estudantes assumirem protagonismo como construtores(as) de seu processo de aprendizagem, ao atuarem como pesquisadores(as) e coautores(as) do processo educativo.

Assim, compreendemos que a experiência pedagógica com as mulheres iraquarenses inspira-nos a pensar outras formas de aprender e ensinar, que vão muito além dos tradicionais rituais escolares e acadêmicos, mobilizando estratégias para modificar, inventar e reconceitualizar a prática para dar conta de novas experiências de ensino que acolham todas as formas de ser, viver e conhecer.



## REFERÊNCIAS

- AKOTIRENE, Carla. **O que é interseccionalidade**. Belo Horizonte: Letramento, 2018.
- ATLAS DA VIOLÊNCIA 2020**. Organizadores: Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada; Fórum Brasileiro de Segurança Pública. Brasília/Rio de Janeiro/São Paulo: Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada; Fórum Brasileiro de Segurança Pública, 2020.
- BERTH, Joice. **O que é empoderamento?**. Belo Horizonte: Letramento, 2018.
- BRASIL. Presidência da República. Secretaria Especial de Políticas para as Mulheres. **Enfrentando a violência contra a mulher**. Brasília: Secretaria Especial de Políticas para as Mulheres, 2005.
- CARNEIRO, Sueli. “Enegrecer o feminismo: a situação da mulher negra na América Latina a partir de uma perspectiva de gênero”. *In*: SEMINÁRIO INTERNACIONAL SOBRE RACISMO, XENOFÓBIA E GÊNERO, Durban, 2001. **Anais...**, Durban, 2001. Disponível em: [http://www.unicap.br/neabi/?page\\_id=137](http://www.unicap.br/neabi/?page_id=137). Acesso em: 13 jul. 2021.
- DAVIS, Angela. Conferência: **Atravessando o tempo e construindo o futuro da luta contra o racismo**. Universidade Federal da Bahia, 2017. Gravada e transmitida pela TV UFBA. Disponível em: [https://www.youtube.com/watch?v=h\\_t\\_2ExQyV8](https://www.youtube.com/watch?v=h_t_2ExQyV8). Acesso em: 13/07/2021.
- EVARISTO, Conceição. Gênero e etnia: uma escre(vivência) de dupla face. *In*: MOREIRA, Nadilza Martins de Barros; SCHNEIDER, Liane (Org.). **Mulheres no Mundo – Etnia, Marginalidade e Diáspora**. João Pessoa: UFPB, Ideia Editora Universitária, 2005. p. 201-212.
- FIGUEIREDO, Angela. Carta de uma ex-mulata à Judith Butler. **Periódicus**, v. 1, n. 3, p. 152-169, 2015.
- HOOKS, Bell. **Ensinando a transgredir: A educação como prática da liberdade**. 2. ed. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2017.
- HOOKS, Bell. Love as the practice of freedom. **Outlaw Culture**. Resisting Representations. Nova Iorque: Routledge, 2006, p. 243-250. Disponível em: <https://cebi.org.br/noticias/bell-hooks-o-amor-como-a-pratica-da-liberdade/>. Acesso em: 13 jul. 2021.
- LARROSA, Jorge. Experiência e alteridade em educação. **Revista Reflexão e Ação**, Santa Cruz do Sul, v. 19, n. 2, p. 4-27, jul./dez., 2011.
- OLIVEIRA, Iris Verena. **Ser quilombola: práticas curriculares em educação do campo**. **Rev. FAEEBA – Ed. e Contemp.**, Salvador, v. 26, n. 49, p. 139-154, 2017.
- PEREIRA, Marina Santos. Associação das parteiras tradicionais do maranhão: relato da assistência ao parto. **Saúde Soc.**, São Paulo, v. 25, n. 3, p. 589-601, 2016. Disponível em: <https://www.scielosp.org/pdf/sausoc/2016.v25n3/589-601/pt>. Acesso em: 13 jul. 2021.
- RIBEIRO, Djamila. Feminismo negro para um novo marco civilizatório. **Revista Internacional de Direitos Humanos**, v. 13, n. 24, p. 99-104, 2016.



SILVA, Petronilha Beatriz Gonçalves e. Aprendizagem e ensino das africanidades brasileiras. In: MUNANGA, Kabengele. **Superando o racismo na escola**. 2. ed. Brasília, DF: Ministério da Educação, 2005. p. 155-170.

SOARES, Lissandra Vieira; MACHADO, Paula Sandrine. “Escrevivências” como ferramenta metodológica na produção de conhecimento em Psicologia Social. **Psicologia Política**, v. 17, n. 39, p. 203-219, mai./ago. 2017.

SOUZA, Vaneza Oliveira de; MIRANDA, Carmélia Aparecida da Silva; SILVA, Ana Lúcia Gomes da. Escrevivências e movimentos (auto)formativos na pesquisa por uma educação antirracista. **Revell Revista de Estudos Literários da UEMS**, v. 1, n. 24, 2020.

SOUZA. Vaneza Oliveira de. **Relações étnico-raciais e de gênero no contexto das práticas pedagógicas**: escrevivências e (re)invenções na educação básica. 2020. Dissertação (Mestrado em Educação e Diversidade) – Universidade do Estado da Bahia, Jacobina, 2020.

Enviado em: 31/05/2021  
Aprovado em: 28/07/2021

Página 95